



RESTAURO DA SALA DE D. MANUEL

A partir do dia 13 de maio, o Museu Nacional do Azulejo disponibiliza ao público mais um espaço de visita. Trata-se da chamada Sala de D. Manuel, espaço em parte correspondente à nave da primitiva igreja da Madre de Deus, que alberga um imponente conjunto azulejar do século XVIII, atribuído ao pintor Manuel dos Santos.

Este espaço foi alvo de uma intervenção global de restauro que incluiu teto, janelas, paredes, pavimento e revestimentos azulejares. Levou-se também a cabo uma campanha arqueológica, fundamental para perceber as várias etapas construtivas a que o espaço esteve sujeito, desde a sua fundação no início do século XVI.

Todos estes trabalhos só foram possíveis graças ao mecenato da Fundação Millennium bcp, que mais uma vez financiou uma intervenção de restauro neste museu, revelando-se um parceiro fundamental na preservação do património nacional.

O Convento da Madre de Deus, fundado em 1509 por iniciativa da Rainha D. Leonor (1458-1525), é, juntamente com o Convento de Jesus de Setúbal, o mais antigo mosteiro de Clarissas “reformadas” existentes no país.

A construção da igreja fez-se em terrenos pertencentes à viúva de D. Álvaro da Cunha e foi determinada pelas estruturas pré-existentes, o que poderá explicar uma série de condicionalismos que, de outro modo, desaconselhavam a fundação de uma casa monástica nesta localização ribeirinha, desde logo porque a sua situação excessivamente próxima do rio apresentava



PATRIMÓNIO CULTURAL

Direção-Geral do Património Cultural

M U S E U
N A C I O N A L
D O
A Z U L E J O

inconvenientes que rapidamente se fizeram sentir com as constantes inundações que ocorriam na igreja.

Da vivência monástica deste espaço, sabemos que a primeira comunidade que habitou o mosteiro era constituída por oito freiras, número que em poucos anos aumentou substancialmente. O elemento comum a todas elas era a educação esmerada e o bom nascimento, dado tratar-se de uma casa de padroado régio. A construção que hoje observamos corresponde a uma (re)criação do final do século XIX (1872-1899) e dificulta a compreensão do que terá sido a estrutura do convento primitivo. No entanto, e com base na tipologia da igreja de Santa Clara de Assis, a Casa-mãe do ramo feminino de Ordem franciscana, podemos constatar a utilização do mesmo modelo. Assim, tudo indica que a capela-mor deveria corresponder ao atual sub-coro; o braço norte do transepto à “Capela de D. Leonor” (tendo-se perdido o do lado oposto); o claustro (ou a sua memória espacial) sobrevive no chamado “claustrim” com assinatura de José Maria Nepumoceno, e a nave da igreja situar-se-ia no lugar que é hoje ocupado pelos dois espaços que compõem a sala de D. Manuel, que se alonga para ocidente. O conjunto seria ainda completado por duas capelas colaterais e a torre sineira, que se ergue a meio do alçado sul.

A sala de D. Manuel foi um espaço profundamente alterado aquando das obras do Ministério das Obras Públicas, conduzidas por Nepomuceno, tendo-se entaipado o centro da parede de acesso ao chamado Coro Baixo, e criado uma separação relativamente ao seu topo oposto, transformado numa sala. Com as obras seguintes, conduzidas por Liberato Telles, o local foi azulejado, e o teto rebaixado, decorado à maneira revivalista do “neo-manuelino”.



PATRIMÓNIO CULTURAL

Direção-Geral do Património Cultural

M U S E U
N A C I O N A L
D O
A Z U L E J O

Entre os azulejos então aplicados, destacam-se os painéis de temática franciscana da autoria de Manuel dos Santos, provenientes do convento de Sant'Ana, em Lisboa. Um dos mais importantes pintores da azulejaria portuguesa, e nome cimeiro do chamado "Ciclo dos Mestres". Manuel dos Santos terá entrado para a Irmandade de São Lucas em 1702, tendo uma oficina que se situaria no denominado Bairro das Olarias, a Santa Catarina, em Lisboa. A sua atividade terá terminado cerca de 1725-1735, deixando-nos uma obra pouco extensa, mas muito marcante deste período áureo da azulejaria portuguesa.